DOCUMENTÁRIO

O rompimento do - Cearense - contra os Equilibristas, a desvantagem e sem razão de semelhante proceder

Oposição do Senador Alencar a este rompimento. Consequências perigosas das divisões dos Partidos. A conciliação geral como único meio de salvar a Província.

Sentindo o que devo a meus concidadãos, reconheço também a necessidade e extensão dos seus deveres, necessidade inata com a vida, cujo instinto nobre e generoso é prestarem-se uns aos outros fazendo cada um o que estiver de sua parte, sentir o que se deve a si e aos mais para que deste modo se conserve a estabilidade social muitas vezes pervertida pelo egoísmo e a maldade, se o consorcio destas duas ignóbeis paixões não é em tempo combatido pelos esforços generosos dos mais sinceros amigos da — realidade dos princípios — que tem por fim uma bem entendida Liberdade e sua necessária consequência o bem geral de toda a comunhão social.

De tão sinceros sentimentos animado, meu fim, minha religião tem por resultado — a felicidade de cada um fundada sobre a de todos. — Eis porque decidí-me, à instâncias de alguns amigos meus antigos correligionários a apresentar-me outra vez ao público e discutir perante ele o que muito lhe diz respeito.

Na memória de todos registrados os documentos de minha lealdade, de meus bons desejos e esforços, não falarei de mim nem de meus sacrifícios para ser agora acreditado: são os fatos que mais alto falam; e se sua narração e lembrança não tiverem o cunho da verdade, esqueçam-se meus amigos de um amigo dedicado, e que por interesse algum nunca lhe será traidor, comprometendo sua fortuna e repouso para se engrandecer e gozar.

Há muito que me tenho entregado à uma vida de abandono, forçado pela ingratidão de alguns, pelo atropelamento de intrigas miseráveis, e mais ainda pelos desgostos de uma existência bem pouco feliz: temendo porém que por falta de algum sacrifício continui a triunfar um sistema ruinoso e anfíbio, que profundamente vai solapando os princípios fundamentais do Estado e da Moral universal, não mais hesitei em apresentar-me a meus con-

cidadãos, julgando poder prestar-lhes algum valioso serviço; e a esses que não se movem pelo único interesse do ganho, o que sabem repelir todos os meios de exaltação e vinganças.

Sendo estas minhas idéias, farei por não sair do circulo a que me impus, manifestando com toda a calma e decência os sentimentos que me animam sobre o rompimento do Cearense contra os denominados Equilibristas; esperando poder convencer com a simples exposição dos fatos, que o abatimento dessa exaltação e rancores que perturbaram toda a Província, cujo infortúnio estendia-se a todos os seus ângulos, e parecia querer aniquilar toda a ideia de civilização, nasceu dessa liga, que acalmando as paixões de todos, experientes agora repelem tudo que não tende — a uma geral conciliação.

Não tendo pretensões algumas sobre a direção dos negócios públicos, não querendo ser acusado de tomar a dianteira embora não me possam privar de proferir uma opinião, que a todos interessará; esperei até este momento, que algum outro mais habilitado, mais credor da atenção pública ante Ela se apresentasse, fazendo recordar a todos as duras lições da experiência, e o que presenciaram e sofreram nessa longa série de desastrosos acontecimentos, que pareciam querer entregar a barbaridade, arrastar aos horrores do fanatismo; as abomináveis consequências da impunidade, um Povo dócil e afável, atraiçoado em suas mais caras afeições, desviado de seus mais lícitos e proveitosos interesses, para à vista de exemplos e máximas destruidoras multiplicaram o funesto assassinato do dia 8 de dezembro de 41.

Mas intimamente convencido dos direitos que me assistem; não desejando, que o silêncio dos que não aprovam o rompimento, seja considerado como tácita aprovação; sem a restrita obrigação de sujeitar-me a decisões que sufocam e destroem as afeições do coração; em fim, a rogo de alguns amigos, cuja opinião não foi consultada, não se podendo dispor, sem seu assentimento, de seu bem estar e futuro, vou manifestar com a calma prometida a opinião, que formamos sobre o rompimento da redação, e de seus inoportunos encômios à aquele a quem na defunta fidelidade acusava de assassino do chefe de nosso Partido.

Falaremos agora por mim, e alguns dos nossos mais sinceros correligionários. Não tendo portanto nenhuma obediência a guardar aos, que atualmente ora querem, ora não querem a liga, que promoveram, e de todo se pronunciam contra a conveniente realização dessa ideia sublime e majestosa de — uma geral conciliação — não dignando-se convencer-nos das vantagens de novas contendas, quais os princípios escritos na bandeira que hastearam; não deixaremos passar sem discussão essa infundada sentença promulgada no Cearense. Recordaremos os fatos capitais, e perante

o Tribunal da majestosa imparcialidade, submetendo-se resignado, aguardando com todo respeito e acatamento sua importante decisão. E quando não tenhamos a honra de merecer essa atenção, que outrora se nos prestara, nem por isso nos queixaremos, não desejando que sejam presas de novos infortúnios, os que não querem aproveitar-se das duras lições da experiência: e os que procuram qualquer pretexto para combater-nos ou faltar-nos, que julguem-nos como bem quiserem, e resolvam-se como mais profícuo lhes for.

Sem pois ressaibo algum pela ingratidão com que se nos trata, os manejos e hipocrisia com que se procura tirar-nos essa opinião honrosa, que perseverante se sustenta ainda, referiremos os fatos, que comprovam o que avançamos, procurando subtrair-nos à disputas pessoais, não tendo no pensamento ofender os que desacordarem de nós não entrando em fim na refutação de cousas que outros e não nós têm por dever contestar.

A nossa questão, a grande questão que temos em vista é se de tal rompimento algum bem resulta a Província ou mesmo ao Partido a prol do qual temos sempre pugnado, quais as recompensas que cabem aos que prestam mais serviços dedicando-se pelo Partido; a que fins se dirigem e que princípio sustentam os que querem a divisão extremando os partidários.

Sendo este o nosso propósito, permita-se-nos entretanto fazermos ver, que um manifesto que tem por objeto romper uma aliança que foi sempre considerada com previlégios de coalisão; converter em ódios recíprocos os deveres de cada um, deve ser um processo revestido de documentos, de expressão ou fatos que possam convencer, que há perigo ou deshonra com a continuação de uma liga, que tão proveitosa tem sido à Província, e no geral aos Partidos, que infelizmente ainda se distinguem sob denominações já caducas, que nada mais significam, e que deveriam ser extintas para debaixo de uma outra bandeira fazer valer sua grande importância, sua dignidade, e princípios.

Dadas estas explicações, entraremos agora na exposição dos fatos, que devem servir-nos de prova para não mais deixar-nos arrastar por palavras insinuosas, que iludindo nossa boa fé tendem a comprometer-nos, sem que os princípios nunca prevaleçam: e se houver um só fato que não seja verdadeiro na força de sua expressão, rogamos, que o queiram apontar; mas se forem com verdade estabelecidos, então pedimos que sejam respeitadas as convicções, a opinião dos, que fora das apreensões, só se decidem pelos fatos.

Duvidosa a resolução do problema sobre o triunfo da eleição passada pelas circunstâncias que todos terão bem presentes, os incluídos na chapa governativa promoveram uma aliança com apa-

rências de coalisão e a pretexto de utilidade pública, alguns destes temendo nova perda, como havia sucedido na eleição anulada, rogaram a alguns de seus correligionários (sempre leais ao Partido e dedicados pelo seu chefe), que antepondo os interesses públicos a seus grandes e justos ressentimentos, se harmonizassem com os aliados. Eles sempre dispostos a condescenderem, mesmo com prejuízo de seus interesses privados, com aqueles que nunca com justiça poderam acusá-los de — traidores e ainda mesmo de omissos — de bom grado fizeram as pazes, e como homens de honra uniram-se a seus aliados, esquecendo-se dos agravos passados dispostos a não abandoná-los, depois de conseguido o triunfo; e por despeitos e caprichos não brigar, repelindo de seu seio os que se trataram com lealdade e boa fé, quando sua coadjuvação não fosse mais necessária, ou de pouco valor seus serviços. E inexplicável contradição! Os mesmos que exigiram deles o esquecimento do passado, com a maior sem razão e injustiça para duvidarem de sua sempre pronunciada lealdade, encheram a Província de cartas e notícias, com que mui gratuitamente os acusavam de — traidores por se terem unido aos Equilibristas! E o pobre do José Lourenço que no seu ostracismo carpia crueis desgostos, presa de martírios bem penosos, era maltratado no mais melindroso de sua reputação, acusado de vil por interesse, por interesse ligando-se aos assassinos de seu tio o infeliz major Facundo, e no gôzo dos dinheiros (443$000 para as despesas de tão longa jornada!!!) que recebera para a revolução do Exu.

Desculpem nossos leitores este ai de desafogo por tanto tempo comprimido e que cada vez mais se aumenta pelo acréscimo de novas injustiças, e desses manejos com que se inculca um interesse que por nós não tem, nem mesmo quando suponhamos que eram nossos amigos: mas... não desejando suscitar questões pessoais, embora muito servissem para rasgar a venda que cobre ainda muitos olhos, daqui saltaremos de um pulo pelo temor de discussões odiosas que oxalá não mais deturpem as páginas da Imprensa Cearense.

Também nos dispensamos de entrar na explicação dessas queixas e imprudências que de parte a parte aparecem, julgando não interessar ao Partido, e pelas quais não podem ser responsáveis milhares de cidadãos, que por interesses individuais, por inconsiderações de alguns, por caprichos e egoismo não devem mais comprometerem seu bem estar e fortuna, para satisfazerem aos que por amor dos outros não brigam, embora maltratados, querendo pelo contrário que os mais se sacrifiquem, sem que êles sofram, para satisfazerem seus infundados caprichos, esquecendo-se por fim de tantos comprometimentos, se por sua generosidade convém perdoar e fazer quantas transações lhes são convenientes, para depois tornar

a brigar, e quererem que os mais briguem também quando lhes desagradam, embora estes sejam devotados pelo Partido que muitas vezes tem sido obrigado a faltar aos que lhe dão alma, para votar em contrários ou indiferentes; mas... de esperanças para os que do Partido têm exigido tamanhos comprometimentos em vantagem particular.

Ora, se é mister dar alma e vida a quanto possa interessar ou outros (sem ofensa dos bons costumes) para que estes por sua vez se interessem também por nós como conspirar-nos contra quem nos não ofendeu depois de sermos amigos, não atraiçoando nossa amizade, pagando pelos mesmos princípios, e sentindo como os mais todos, para satisfazermos aos que trairam nossa boa fé e devotação, e que não duvidam sujeita-nos aos nossos verdugos, abandonar-nos e perder-nos, se assim é conveniente a seus mui particulares interesses, mudar de amizade, querer que os mais também mudem, mudadas suas conveniências? Mas... (dizem os interessados na Política, e que lucram com nossas lutas) — o pundonor do partido exige de todos que não divergem para o triunfo da chapa que lhe é imposta, porque só assim o partido se sustenta. — Bem! foi isto o que todos fizeram em 4 anos de encarniçada contenda: mas passada ela, como foram tratados os que mais se sacrificaram?! O que coube aos que perderam seus Empregos, os ordenados que correspondiam a todo o tempo em que estiveram suspensos; as vantagens e consideração que gozavam sem provirem da política, e aos que perdendo tudo por amor dela, hoje ainda padecem vítimas de pérfidas insinuações, comendo o pão da miséria, iludidos em todas as suas esperanças, ao tempo que os mais espertos, nunca perderam um real, e tudo tem gozado provindo dos partidos a quem nem uns serviços prestaram, ocupando empregos rendosos, acumulando-os até; excluindo, por seus manejos, da Representação Provincial os mais dignos de representarem a Província para conseguirem a promulgação de Projetos extravagantes e de mesquinhos interesses que ofendem a dignidade dos Partidos e o bom senso de seus concidadãos?

Como querem que exista um Partido zeloso de sua dignidade, altivo por seus princípios, nobre pelo seu caráter, se os mais dedicados e dignos de o representarem, são julgados suspeitos, são até guerreados, maltratados e ultrajados, se por ventura não subscrevem tudo quanto se lhes dita; senão rendem bandeira à certos privilegiados que julgam poder ofender e não serem rebatidos; que em fim não se prestam submissos a atos revoltantes que rebaixam o pundonor e ofendem o senso comum?

E o que resta a um Partido que se vê a discrição, obrigado a votar nos que só cuidam de si, escondendo-se ou humilhando-se nas crises as mais arriscadas, e depois de passado o perigo amea-

çando com repulsas os, que mais se expuseram, querendo dispor das cousas públicas, da vontade dos que triunfam por seus únicos esforços, para darem toda a importância aos que somente sabem intrigar, ou prestarem-se-lhes com submissão?! Não sendo despido de provas nenhuma das proposições emitidas, importando em um fato cada uma destas idéias, com tudo estariam todos contentes, se prevalecessem os princípios e não ficassem esquecidos ou despresados os que querem cousas e não homens, e que idolatram assaz a seu País para não vê-lo rebaixado.

Deixando de parte esta mágoa que penetra os corações de milhares de nossos concidadãos, que colocados nos dois Lados que se bateram, viram baldados seus sacrifícios, e suas bandeiras, ou tintas de sangue, ou com vilipêndio arrastadas e calcadas aos pés dos que se constituíram potestades, ante quem todas as vontades deviam submeter-se, continuaremos a desenvolver o que ensina a nossa razão fundada na experiência.

Organizado um Partido cumpre, que por amor dele façamos o que de comum acordo decidem os mais proeminentes, e que sua decisão seja profícua ao bem geral do mesmo Partido, e de sua dignidade e elevação; que a ofensa e a perseguição feita a qualquer correligionário, seja por todos partilhada, para que deste modo sejam respeitados seus direitos, sustentando-se o pundonor dos que foram pelos contrários maltratados. Porém, se os que oprimem e ultrajam-nos, com intento de aniquilar-nos, não são pelos generais repelidos, castigados pelos seus crimes quando dispõem da autoridade, e muito pelo contrário angariados e com preferência bem tratados, dando-lhes no Público toda a importância não obstante seus atentados e crimes horrorosos; não há razão para quererem que nós só tenhamos deveres a cumprir, que tudo vejamos sem queixar-nos, e os outros só direitos a gozarem, quando quaisquer que sejam suas ações, devemos sempre julgá-las honrosas e generosas! E se a isto não impelidos por penosas circunstâncias, não lhes sendo possível vencer tais obstáculos; então deixemo-nos de mais divisões, que arruinando a seus amigos, pervertem os bons costumes, deixando-lhe tristes exemplos de monstruosas transações e penosas recordações de tão reiteradas ingratidões.

Se, no geral, o benefício, a importância, ou remuneração não cabe aos partidários que pelo Partido mais serviços prestaram; inútil se não perigoso é extremarmos por amor de homens, brigamos com os amigos da infância, contemporâneos nos Estudos, os que pelo bem do País se interessam, para protegermos ou afagarmos os que nenhumas qualidades têm, que se agregam a um partido para satisfazer suas paixões, e que não embreariam com os que os protegem e defendem a não ser o espírito de partido. E tudo

isto para que? Para que sejam Senadores ou Deputados pessoas que nos são hostis, que se não interessam pelo País que nos viu nascer, ou só querem as vantagens à custa dos próprios partidários, querendo que os mais dispendam para eles sós gozarem, ou repartirem os gozos com os que lhes são submissos.

Se pois é indispensável a existência dos Partidos, para que seja duradora, cumpre que se não tire dos que não poupam sacrifícios, que o defendem e sustentam, para se dar aos egoístas, aos frouxos ou mesmo infensos; que de posse de toda a importância, recuam quando se faz necessário um esforço, ou servem-se das vantagens que gozam para aniquilar o Partido que os eleva. Portanto, se não bastam os bons serviços, a dedicação e lealdade para se merecer qualquer honra, se a dedicação pelo Partido é digna de recompensa: se pelo contrário, é "submissão pelos chefes, que unicamente nos faz valer, sendo insuficientes os esforços a bem de todo o Partido; os mais sinceros afrouxam, e a corrupção penetrando a muito que não tem torça bastante para constantes resistirem a tão multiplicadas tentações, a essas sedutoras conveniências de tudo se poder conseguir pela simples devotação pelos que tudo podem e ordenam, e dos Partidos tudo conseguem, mesmo a favor dos que lhes são infensos; fará derrocar os mais leais, e em vez de Partido só veremos ambiciosos, ganhadores e intrigantes iludindo os mais incautos, traindo a amizade a boa fé, lançando-se nos braços dos contrários, humilhando-se e pedindo perdão quando o perigo é iminente, ou julgam colher aí as vantagens que entre os seus não existem mais.

E devendo ser eterno o Partido, como sustentar-se e por muito tempo tremularem suas bandeiras, se não se firmam sôbre os princípios e a utilidade de todos? e se demais os serviços, a dedicação e o desinteresse dos mais sinceros correligionários não contraem obrigações, que possam inspirar-lhes a menor confiança? Se o mérito manacial de uma associação duradoura, não tem por base o reconhecimento, desaparecerá sem dúvida a confiança entre todos os partidários, que descontentes saberão subtrair-se ao predomínio dos que só querem ser satisfeitos, e nunca contentar a quem com espontaneidade se dedica pelo Partido. A força deste e sua duração social consiste na energia de seus chefes contra as invasões e abusos do Poder; na remuneração dos serviços, na habilitação enfim dos que dão esperanças de uma dedicação desinteressada; arredando ao mesmo tempo de qualquer importância os que revestidos dela só cuidam de seu bem estar com prejuizo do próprio Partido, querendo ser satisfeitos em todos os seus caprichos, embora aos amigos arraste descrédito e perseguições. Porém quererem a proeminência para fazer prevalecer sua única e individual vontade sobre os desejos de todo o Partido, arredando de

qualquer importância os que apresentam independência de carácter; rebaixar a troco de transações pessoais, e sempre prejudiciais ao Partido, a dignidade da opinião para satisfazerem as pretensões dos aulicos de quem esperam também merecer, argumentando assim seu poderio e fortuna para se tornarem necessários?

Se estas são suas vistas, se é isto o que todos nós observamos, sem dúvida cumpre dividir os homens, colocados na dependência para sobre eles predominarem.

Com o propósito de não ofender a ninguém, deixando a discrição de cada um fazer com justiça, as aplicações dos fatos, não nos podemos contudo dispensar-nos de declarar, que fazendo esta narração em face do que se tem cometido de um e outro lado, convidamos a todos os nossos adversários a deporem, se consigo mesmos não sentem, que é verdade quando levamos dito e muito saliente esse prodomínio do Sr. Dr. Miguel Fernandes, que quer que os desejos de todos se subordinem ao seu sic volo.

Continuando a mostrar quais os meios de fazer durar um Partido e torná-lo respeitável e forte por sua dignidade e justiça, diremos ainda mais, que se é indispensável a existência dele pela natureza de nosso sistema Representativo, cumpre ainda não dar proteção aos que assassinaram algum dos nossos por motivo de política: que se convençam os que ultrajaram ou perseguiram a qualquer do Partido, que para esperarem proteção, faz-se primeiramente necessário que se esforcem para merecer da maioria prestando algum importante serviço a opinião que rebaixaram. Mas se os assassinos nem um castigo sofreram, se muito ao contrário ameaçam-nos com novas vítimas, escarnecem de nossas queixas, zombando das provas que os condenam, fiados nos que hão de julgar e previamente já manifestam sua decisão favorável como animando os malfeitores, e até... acusando de capciosas as provas que se apresentam sem terem a convicção desta infamia que irrogam aos seus desafetos a quem por todos os meios desejam desacreditar; como, hão de os mais sinceros que não vivem de tais manejos quererem outra vez brigar por amor de Partido, sendo assim maltratados os mais fiéis correligionários. e expostos aos punhais dos malvados (confiados na indiferenca dos Juizes), os que procuram o único recurso que satisfaz ao homem religioso, que presa os bons costumes, que não pode perdoar ao assassino que mata por egoísmo próprio, por satisfação de seu rancor, seu ódio injusto e iníquo?! Se pois os que matam, gozam dos favores e intimidade dos que se diziam amigos das vítimas, e que por amor da Pátria perderam o único bem que possuiram, é injustiça clamorosa. quererem que os partidários entreguem-se a novos comprometimentos, briguem com os aliados que os tratam com estima, para satisfazerem despeitos sem que a causa pública lucre, e depois des-

presando-se os mais sinceros amigos, e de nenhum modo atendendo-se as suas justas reclamações.

Se portanto tudo isto acontece com espanto dos mais dedicados; se unicamente são respeitados os fatos consumados contra a mesma Humanidade; se são despresadas essas vozes saídas do silêncio dos túmulos, que piamente reclamam a punição dos culpados para que as vinganças particulares não aumentem as represálias e façam padecer os que nem uma culpa tem; se em fim aos olhos de todos se patenteia um abismo de iniquidade pela proteção gozam e o muito que merecem os que cometeram horríveis crimes zombando das Leis e dos que pedem — justiça; — para que lembrar-nos mais esse pundonor do Partido, quando se deixam impunes os que o assassinaram, quando se maltratam os que o sustentaram em todas as suas lutas?! Oh!... deixemos de iguais queixas que mais serviram de assanhar o ódio que a muito se nos guarda, sendo tão melindrosos os que procuram pretextos para se nos perseguir e perder, se submissos não resignarmo-nos com a sorte que nos destinaram.

E se nos acusam de — interesseiros não resignando-nos com essa sorte; se nem ao menos permitem um justo ressentimento pelos males que nos hão feito, para que nos não convencem, antes de acusar-nos, de sua prudência e tolerância?! Para que não exibem as provas de seu desinteresse, de seus valiosos serviços, e de sua lealdade aos amigos?! Para que não cedam esses lugares e importância aos, que lhes são devotados, e tanto lhes merecem?! Se cumpre remunerar serviços particulares; se é de dever e gratidão recompensar aos que lhes amam, paguem, com seus serviços as finezas que receberam, e que não interessam ao bem geral de todos, e então recriminem de ambiciosos os que não gostam de se ver preteridos por aqueles que nos ofenderam e a quem nem uma atenção e favor devemos; e que demais a mais são infensos ao Partido que sustentamos com sacrifícios bem custosos.

Eles que lhes são devotados, cedam-lhes de que lhes cabe, sendo tão penoso cedermos a favor dos que nos molestam!

Tomando outra vez o fio dos fatos que a todos devem tocar, sendo testemunhas ou vítimas do quanto sucedeu nessas lutas fomentadas por uma divisão infernal, sustestada pelo fanatismo político, perguntaremos com o respeito que guardamos aos redatores do Cearense, se julgam aproveitar a Província e mesmo seus correligionários a renovação de tais contendas? Se espera ver triunfantes os princípios que professam, e quais as garantias para os que de boa fé se expõem nos postos de maior perigo em defesa do Partido e dos que querem o rompimento? Se dignarem-se responder-nos, pedimos também que nos declarem, se aceitam o convite público, do Sr. Dr. André Bastos que em o seu comunicado trans-

crito no Pedro 2.º de 10 do corrente, mui solenemente apregoa, que o seu partido se reunirá em um só pensamento com todos os carrapatos para aniquilarem, e por uma vez acabarem, com todos os Equilibristas.

Não querendo nós que os homens se reunam ou se dividam para aniquilarem seus semelhantes pelo único prazer da vingança, desde já publicamos que não brigaremos com ninguém para satisfazer nem um despeito, nem nos reuniremos para acabar com os que como nós tem direitos aos gozos da grande Família Cearense, cuja Paz e prosperidade não deve ser pertubada para satisfazer vinditas de ninguém, e menos concorrer para aniquilar a nem um de seus membros, se nem um crime cometeu para ficarem fora da Lei, achando-se no seu direito guardando a opinião que vai de acordo com suas convicções.

Passando agora aos pretextos apresentados pelos nobres redatores para fazerem tal rompimento, diremos que nem um deles, nem mesmo todos juntos são assaz ponderosos para ocasionarem um rompimento. Ditos de uma parte, indiscrições de outro lado, fábricas de velas de permeio; e tudo dizendo respeito a interesses individuais, não são estes os motivos de se quebrar uma aliança, que muito tem concorrido para atenuar tantos agravos, e promover a união de homens que pelo único fato de se acharem em lados opostos, pareciam querer devorar-se, e hoje conciliados, sem a recordação dessas ofensas que a política autorizava, estimam-se mutuamente, devendo favores recíprocos? E como agora brigarem, sem que lucre a causa pública? E porque se comprometerem, se os aliados tanto se têm prestado, e mais do que esses que se diziam serem nossos amigos enquanto nossos serviços eram importantes para seu engrandecimento?!

Se acusam os aliados de falta de lealdade, não terão estes iguais motivos para com mais fundamento dizerem que não eram tratados com a boa fé prometida?! Se esses motivos que apresentam a muito já existiam, porque em pública sessão, os que em particular nos acusavam de sermos amigos dos nossos e seus aliados, solenemente declararam que — a liga era vantajosa, e por isso continuava?! — Responda o Sr. Dr. Macedo!

E como acompanharmos os que lavraram uma tal sentença, sem para ela concorrerem nem um dos nossos amigos convidados para essa liga? Como em fim, se o nobre Senador Alencar opõe-se a tão fatal rompimento em uma sua carta de 23 de janeiro deste corrente ano, escrita a um dos aliados, na qual mostrando não ignorar todos os motivos que tem servido de pretexto aos redatores mui positivamente declara com estas formais palavras que exatamente copiamos: — Entretanto não deixo de aconselhar aos meus

amigos, que não maltratem a nossos aliados, e que POR FORMA ALGUMA façam algum rompimento.

Se os nobres redatores declaram reconhecer no Sr. Senador Alencar — o único chefe de nosso Partido e o 1.º dos Cearenses — não podemos conciliar esse completo desacordo de maltrarem os recomendados, e por fim romperem com eles, quando — por forma alguma — o mesmo chefe deseja, que se rompa essa liga, não obstante achar-se ao fato do quanto se tem passado!!

Se os ilustrados redatores tão publicamente contrariam a manifesta vontade daquele, a quem tão profundamente proclamam — o 1.º dos Cearenses e o único chefe do Partido a que também pertencemos, como têm de esperar, que nós outros cumpramos sua informe sentença, que não foi sancionada e pelo contrário reprovada pelo chefe do nosso Partido?! Como obedecermos a eles que por vezes tem declarado sujeitarem-se aos seus ditames, para oporemo-nos a aquele por quem tanto nos exposemos, e cuja vontade é oposta à declaração do Cearense? Mas, se os redatores publicaram, que são por ele autorizados para romper essa liga, como entender-se, que a eles isto autorize, e ao mesmo tempo escreva aos aliados assegurando não cessar de recomendar a seus amigos para que — por forma alguma — façam qualquer rompimento?! ... E quem pois se achará em completa contradição?!... Ah! venha um silogismo tirar-nos de tamanha dúvida!... e enquanto ele não vem, permita-se-nos continuar.

Não querendo arvorar-nos em órgão do Partido a prol do qual combatemos em 6 anos de incessante luta publicando sem rebuço as iniquidades aconselhadas pelos exemplos tenebrosos de um fanatismo cruel; não procuraremos impor nossa humilde opinião não decidindo por nós questões que a todos comprometem, e que afetam seus interesses, seu bem estar e futuro; entretanto devemos aos nossos amigos e a aqueles que nos honram com sua opinião e estima, a categorica declaração, de que não sendo o rompimento sancionado pelo nosso chefe, e não sendo para isto consultados os, que foram rogados para fazerem esta aliança, que agora já não agrada porque são outros os que se desejam; opomo-nos com toda a franqueza, (não obstante nada valermos) para que tenha execução a sentença do Cearense, embora se tenha proclamado — órgão do nosso Partido.

Uma liga que tem feito arrefecer essas paixões rancorosas, que faziam persuadir que — não havia probidade nem caráter naqueles, que fora de seu circulo se achavam; que justificavam legítima as comoções intestinas, e o mesmo assassinato e impiedade — que embruteciam os fanáticos que tudo julgavam conforme sendo pelos seus cometidos, não deve ser quebrada não se mostrando vantagens públicas, e manifestamente reconhecidas. É o bem geral

do País, os interesses da grande família Cearense, os únicos ponderosos motivos, que devem prevalecer; e nunca, sob pena de execração pública, nunca esses interesses mesquinhos, essa intolerância asquerosa de se querer que todos se subordinem a vontades que o bom senso condena, a esses caprichos e predomínios com que pretendem alguns que os mais tudo lhes sacrifiquem, querendo que até sufoquem suas mais charas afeições, seus deveres e gratidão, e ao mesmo tempo atraiçoam, iludem ou abandonam aqueles que não se lhes tornam submissos, e que por suas imprudências provocadas, ofendidos em sua honra, indignados se revoltam.

O bem de todos exige que abafemos nossos agravos para que a sociedade não padeça, e aos seus grandes interesses sacrifiquemos nossas particulares conveniências: ora, se são estes nossos deveres; dando incremento a essas vinganças, a esses ataques que a todos tem revoltado; se de mais, abandonarmos os que em nós se confiaram e que só tem cometido o crime de se porem de atalaia pelas imprudências cometidas, e pelas quais não devem sofrer os mais que as têm reprovado, e que de modo algum interessam a causa da coalisão; que garantias daremos aos que também sustentamos, para que se realize, o que tanto o País almeja, vendo unidos os Cearenses embora não abandonem seus princípios e convicções, para que na concórdia geral encontrem o único bem que lhes falta, não tendo lucrado nem podendo engrandecer com estas divisões de Partidos, que nada mais significam, e que só tem servido para engrandecimento e bem de poucos?!

E como separar-nos daqueles de quem já somos amigos, porque não agradam a um ou outro de nosso lado, tendo estes como amigos nimiamente nos molestado, o que agora se ostentam com uma nova bandeira recebendo convites para uma outra aliança — para que unidos em — um só pensamento, de todo aniquilarem — aqueles que nos deram como aliados. Hão de alguns só quererem que os mais todos lhes obedeçam, cumpram seu sic volo, fiquem mal com quem lhes não satisfaz, bem com quem lhes agrada embora aos outros ofenda, e não hão de conceder que os mais que também se esforçam, que se comprometem e dispendem, que gozam de importância e dignidade, que tem senso e coração, submissos se sujeitem a todos os seus caprichos, e considerem razoáveis quantas imprudências cometerem?!

Se os nobres redatores não admitem em suas fileiras os que outrora queriam como valiosos aliados; se repelem os que não renegam seus princípios, e convicções, dignem-se-nos declarar, quais os princípios que professam, qual o programa dessa grandiosa denominação, com que hastearam sua bandeira, apelidando-se decididos — chimangos puros? Que significa esta divisa, que para

todos é tão estranha!? Para que tanta ufania, para que tantas zangas, esse desabrimento tão ofensivo, se vivemos no engano, fascinados por uma iluzão, tornando-nos por essas brigas presas dos mais espertos, dos que se fazem necessários para gozarem dos triunfos públicos, querendo que por glória nossa votemos nos seus afeiçoados, que nós desconhecemos, e dos quais nunca nem um dos Partidos receberam a menor prova de sincera afeição, sinais de reconhecimento pela importância que lhes deram? Serão pois para fins iguais que continuaremos a extremar-nos dos que vivem entre nós e que tem os mesmos interesses que nos afetam a todos?!

Se o chefe do nosso Partido em uma sua carta bastante recomenda que os seus amigos não hostilizem aos Caracarás; se somos maltratados por aqueles que nos viram sempre dedicados, não podendo com justiça acusar-nos de um só ato de traição; se aos Equilibristas increpa-se de — desleais porque não despresam ao Sr. Sucupira e ao pobre José Lourenço, que se acham ressentidos com os ultrajes que se lhes tem feito e ao último principalmente; se vemos que se quer que todo o Partido e os mesmos aliados desprezem a quem lhes são devotados porque ofendidos não sofrem algum outro correligionário menos prudente e injusto; porque havemos de abandonar aqueles que nos estimam, que como aliados nos não ofendem, se tão desconhecidos se mostram os que nos viram com lealdade expor-nos aos maiores perigos, insinuando que se nos faça uma guerra tão injusta e infundada, porque não sofremos com humildade as provocações que se nos tem feito? Respondam os que estão ao fato de tudo, e que ainda se não esqueceram da injustiça com que foi tratado o nosso digno correligionário, o prestimoso Dr. João Paulo, que tão dedicado foi sempre pelo Partido, e a quem todos ainda hoje tributam votos de veneração e saudades, não obstante se querer que todos o guerreassem porque desagradou a um do Partido a quem por justos motivos não devia nem uma afeição.

Fortes apreensões sentimos de que se hão de realizar essas núpcias apregoadas, e cujos banhos já correram no comunicado das estrelinhas publicado no Pedro 2.º e que diz-se ser obra do Sr. Dr. André Bastos, no qual muito positivamente se diz, que — os caracarás estão prontos a se reunirem com os carrapatos em um só pensamento para de uma vez aniquilarem os infames Equilibristas.

Não desejamos excitar os enfados do Cearense com esta nossa suposição, que não é sem fundamento. Sim! quando vemos que esses dardos, que outrora bastante feriram ao Sr. Dr. Miguel Fernandes, apregoado — noivo namorado — que tem carregado com pesadas imputações, merecendo hoje tanto dos que lhe queriam queimar a casa, agora contra nós se tem virado... faz-nos acre-

ditar que esse casamento se fará: et dicant Paduani, com o Sr. Silva Braga, que — supõe fazer-se esta nova aliança, porém somente por momento.

Fiel ao nosso Partido não o deixaremos jamais pelas imprudências de alguns e bem graves ofensas de outros: e por amigos novos não brigaremos com os velhos de quem nenhuns agravos temos, tendo aliás nos tratado com toda a lealdade e afeição não sendo culpados pelas injustiças e desabrimentos de poucos, com quem podemos estar mal sem ficar com o Partido, a favor de quem, (qual soldado denodado e brioso) havemos de combater, quando se achar em perigo, contando com nossos correligionários que cônscios de sua dignidade, de seus deveres e princípios hão de sempre sustentar a opinião que nos fará respeitados e dignos de uma melhor sorte, quando a maioria da razão dirigir nossas ações e sustentar que a felicidade de cada um se funda sobre a de todos —, e que é triste a vida de quem sem dignidade é forçado a viver —, o que sempre acontecerá quando brigarmos com aqueles com quem vivemos, para satisfazer a estranhos, colocando-nos na dependência, e no temor dos que zombam de nós, para depois forçar-nos a tudo subscrevermos, ou cairmos vítimas daqueles com quem nos malquistamos por amor dos outros, que hão de sair — se bem em suas transações, que nunca aproveitam aos que mais se comprometem.

Uma aliança que tem feito aniquilar essas paixões tenebrosas, que a todos desorientavam, não pode ser quebrada não havendo utilidade pública, e sem que se prove que há perigo ou desonra com sua continuação: e não é a má vontade de poucos que deva fazer sufocar convicções e sentimentos que não podem ser combatidos sem que nossos concidadãos se entreguem a criminosos excessos, consequência infalível das divisões dos partidos. Nem vemos, nas bandeiras hasteadas o nobre distintivo que possam distinguir os homens. Entretanto são as únicas conveniências de cada um que a todos vão separando e extremando, para depois de tantas e inúteis contendas, de tantos sacrifícios e mortes gozarem os que menos merecem. Oh! não nos iludamos! Quando os princípios prevalecerem, quando o bem geral entrar no pensamento dos que influem nessa nossa Política, busque cada um o seu posto de honra, e aí se bata até morrer contra os inimigos da Pátria: que agora somente são inimigos os que nos querem dividir para depois dominar, e impor-nos sua vontade.

Enquanto pois não predominarem os princípios, e o nosso pundonor não for com firmeza sustentado, deixemo-nos de divisões, e congrassados em um só e generoso pensamento façamos guerra somente ao assassino que mata por egoísmo próprio, e por satisfação de seu ódio injusto. Elejamos para os cargos públicos

os homens honestos de qualquer Partido; cabalemos para os amigos, mas os que devam merecer-nos e deste modo gozará a Província de uma paz duradoura e da qual tanta necessidade tem para seu engrandecimento e futura prosperidade. Oh! essa época tenebrosa, em que o assassino arrogante de audácia e certo na impunidade, da proteção dos de seu lado escarneciam das lágrimas de suas infelizes vítimas; em que a infâmia e a morte era o governo, que tínhamos.... não! não mais reapareça!

Se os traços que esboçamos, já se acham apagados na memória dos nossos leitores, consintam, que não fique somente em tese, e que tenha sua devida aplicação à espécie ocorrente de nossa narração que parece ir-se perdendo da lembrança dos que presenciaram e sofreram essas e execráveis perseguições, esses atentados horrendos, que revoltam a razão do homem, e fazem embrutecer um Povo de caráter nobre e generoso, o qual se procurava arrastar a excessos horrorosos.

Principiemos pela representação nacional, onde qualquer das maiorias formadas de um partido, fazia promulgar decretos, que feriam a Constituição do Império, a qual diziam, respeitar, para que os de seu lado se sustentassem no Poder. Quem a ler, sem dúvida se assustará com a promulgação do decreto de 4 de maio, este ato de força e usurpação! A lei da reforma, esta lei de anarquia e confusão, cujos abusos são mostrados pelos mesmos que a organizaram, e que achando-a salvadora, acusaram-na de — iniqua — quando caíram do Poder; Esta lei de extermínio e de vingança, foi decretada pelo diabólico espírito de partido, que querendo apossar-se das urnas eleitorais, fez organizar uma nefaria cohorte, que invadiu tôdas as classes do País, que assim ficou convertido em um reino de imoralidade, de crápula, e de corrupção! E tudo isto se fazia para se consolidarem no mando, aniquilando seus contrários, que entrando na governança sofriam recriminações usando destas mesmas leis para esmagarem os que as fizeram, e achavam-nas de salvação! E desta sorte a integridade da Constituição não podia ser conservada no meio destas depravações do bom senso. O Ato adicional, que garantia as franquezas provinciais em tôda a sua plenitude, destruido por uma chamada — interpretação —. O Júri essa primeira garantia de um Povo livre viciado e transtornada! E tudo para se fixarem no Poder, e esmagarem seus contrários, que também reassumindo o mando serviam-se dêstes mesmos meios contra quem os criaram.

Passando agora ao que observamos em a nossa malfadada Província esperamos fazer sentir com a simples recordação dos fatos capitais, o que significa o infernal espírito de partido.

Chegava um presidente por todos desconhecidos, estranho a todas as relações. Bem depressa declarava-se a favor de um dos

lados que desesperadamente se batiam; e deste modo eram lançados fora da lei quantos não seguiam a opinião por êle favorecida: e o presidente sem ter agravos a vingar, tomando parte ativa nos ódios dos seus partidários, declarava-se em hostilidade contra todos do lado oposto, que debalde lhe imploravam, que contivesse os opressores; e que, se não eram dignos de suas graças, ao menos se lhes deixassem o sossêgo e a segurança de seus dias. E o presidente surdo a tais rogativas, às vezes se enfurecia pelo clamor de tão justas queixas! E o espírito de partido exultando com infernal prazer, cheio de frenético entusiasmo, insensível aos brados dos que gemiam sob o peso de tão nefanda opressão, apregoava como sábia e benigna uma administração iníqua por suas atrocidades, e que tudo consentia contra os que lhe não apoiavam: e o diabólico espírito de partido contente com esta proteção exultava ante o espetáculo horrendo de se assassinar até os que eram de opinião oposta! E assim corria o sangue dos Cearenses, sem que os filhos do mesmo País condenassem os, que não sendo de nossa Província, queriam exterminar-nos regosijando-se com nossas dissenções para impunes se poderem vingar! Eis como, aquêle que nunca em nenhum ato de sua vida manifestara inteligência e moralidade, contando precedentes bem vergonhosos, era elogiado pelos fanáticos, que abrigavam em o seu seio monstros cobertos de horríveis crimes, para perseguirem e aniquilarem a cidadãos prestimosos, que só tinham a falta de não pensarem como eles então pensavam!

Queriamos continuar: mas... que podemos acrescentar ao quadro que patenteamos com toda a exatidão, se bem mal esboçado?! E os que isto padeceram, e agora observam extáticos a guerra que se insinua contra os antigos amigos, a esses reprovados manejos dos que nos dividiram para nos poder dominarem; dos que injustamente nos maltratam pronunciando-se a favor dos que assassinaram nossos amigos, sacrificados por sua boa fé e lealdade, hão de concorrer para outra vez nossos concidadãos se extremarem, e por fim se ostilizarem para completa desgraça de nossa malfadada Provínc'a?!

Com estas recordações gerais, que a ninguém personalizam, esperamos, a bem de todos os Cearenses sensatos, fazer imprimir em sua memória o, que vai-se tornando esquecido para de novo entregarmo-nos a excessos condenáveis.

Alguém talvez julgue encontrar acrimônia em tôdas as nossas queixas; mas antes que os outros nos condenem, lembrem-se do quanto havermos sofrido; da ingratidão e desprezo com que se nos há tratado; das injúrias e infâmias que se nos há irrogado; e por fim de nossa suscetibilidade pelos padecimentos de uma existência

bem pouco feliz, condenado a padecer sempre, sem nem umas esperanças no futuro!

E nem se persuadam, que há desejo premeditado de maltratar pessoa alguma; ao contrário procuramos fazer ver que esses desvairos nascidos das divisões dos Partidos, e que devem ser perdoados (menos os que assassinaram por egoismo próprio, para se poderem elevar) para não mais nos hostilizarmos. E acredite o principal redator, o Sr. Dr. Frederico, que promulgou o rompimento, a que nos temos oposto pelas razões valiosas que não deixará de respeitar, que, à despeito dessas intrigas, que nos hão separado, e que tem concorrido para recíprocas imprudências, lhe consagramos ainda essa afeição e estima que a muito lhe tínhamos fundada na simpatia.

Temos por agora concluido; certos de que quantos leram esta narração tão mal esboçada pela pressa com que a escrevemos, que hão de reconhecer que o desenfreio do crime e da insolência esmagará aos que se deixarem arrastar por ilusões, em vez, de com prudência, assegurarem a Liberdade do Povo uma garantia legal e suficiente.

Concedendo as melhores esperanças em favor da união, arvoramos a bandeira da — concórdia geral —, com a qual somente podemos esperar prontos e seguros meios de se conseguir o sossego e felicidade de todos.

Propugnadores da conciliação geral repelimos a insinuação infernal apresentada no Pedro 2.º para nos reunir-nos aos caracarás e aniquilar-nos de uma vez a todos os nossos aliados, que por divergirem de opinião não devem ser esmagados. Se nossas palavras forem ouvidas, esperamos, que todos deixando essas intrigas, que nos flagelam, cooperem com empenho generoso para que quando se não possa realizar uma geral conciliação, não se hostilizem ao menos os que sinceramente desejam o bem de nosso País natal.

JOSÉ LOURENÇO DE CASTRO E SILVA

Ceará, 23 de fevereiro de 1847.

BATISTÉRIO DE JOÃO BRÍGIDO

Por gentileza de RUBENS FALCÃO, prestimoso cearense, radicado em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, onde honra as tradições culturais da terra da Luz, o INSTITUTO DO CEARÁ possui nos seus arquivos a Certidão de Batismo de JOÃO BRÍGIDO DOS SANTOS, documento cuja cópia ora oferece aos leitores desta revista.

(PARÓQUIA DE SÃO JOÃO DA BARRA)
Diocese de Campos — Estado do Rio de Janeiro

CERTIDÃO DE BATISMO
de
J O Ã O .....

Certifico que, revendo os assentamentos de Batisados da Paróquia de São João da Barra, encontrei no Livro 1 — à folha 215 — assentamento seguinte:

Aos dois dias do mês de janeiro de mil oitocentos e trinta no Cratorio da Fazenda Barra Sêcca solenemente batisou o Pe. Vicente Pereira Ribeiro, a JOÃO nascido há trinta e tres dias..... a ..... de ..... de mil novecentos e ..... filho legitimo de Ignacio Brigidos dos Santos e **Vicência Maria** de Jesus. Foram padrinhos: — João Batista de..... e protetora Santa Anna .....

E para constar assino.

Manoel Souza de Azevedo
VIGÁRIO

Não mais se continha no referido assentamento que fielmente copiei.

Ita in fide Parochi. (ass) Pe. Marino Van de.... (ilegivel)
Vig. S. João da Barra

São João da Barra, 9 de dezembro de 1964.